



Coordenadoria  
do Curso de Letras



Universidade Federal  
de São João del-Rei

**ARTHUR CÁSSIO ROCHA PINTO DA SILVA**

**LIVROS NOVOS NA BIBLIOTECA UNIVERSAL GUEI: UMA ANÁLISE CRÍTICO-  
DISCURSIVA DA LITERATURA INDICADA PELO JORNAL HOMOSSEXUAL  
*LAMPLÃO DA ESQUINA***

**Dezembro - 2022**

**ARTHUR CÁSSIO ROCHA PINTO DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenadoria do Curso de Graduação em Letras, da  
Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito  
parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Ênfase: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo.

**São João del-Rei  
Dezembro 2022**

*“Se eu fosse eu” parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova do desconhecimento. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo.*

Clarice Lispector in *A Descoberta do Mundo*, 1984.

## **AGRADECIMENTOS**

## RESUMO

Acreditando na importância da emergência de estudos que procuram descortinar os discursos de outros grupos sobre si mesmos, sobre a cultura e, por consequência, sobre os eventos de determinada época, este trabalho busca responder à seguinte questão de pesquisa: o que as indicações literárias encontradas na coluna “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”, do jornal *Lampião da Esquina*, podem dizer sobre a posição do jornal em relação à literatura, à Ditadura Militar Brasileira e sobre os vários grupos dentro da sigla LGBTQ+, com foco nos homossexuais? Assim, ao catalogarmos as indicações literárias que focalizam os homossexuais, tentamos esmiuçar tais sugestões via Análise Crítica do Discurso proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e por Fairclough (2001). Desse modo, tendo em vista as indicações encontradas dentro dos termos elencados, podemos apontar que essas ajudaram a tecer alguns traços do Ethos da comunidade LGBTQ+, especificamente o do segmento homossexual no Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

**Palavras-chave:** Lampião da Esquina; Análise Crítica do Discurso; Ditadura Militar Brasileira; Indicações Literárias.

## ABSTRACT

Believing in the importance of the emergence of studies that seek to unveil the discourses of other groups about themselves, about culture and, by consequence, about the events of a certain period of time, this paper tries to answer the following research question: what do the literary indications found in the column “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei” (“New Books in the Universal Gay Library”), from the journal “Lampião da Esquina”, may say about the position of the journal concerning literature, the Brazilian Military Dictatorship and the various groups within the LGBT+ community, with a focus on the homosexuals? Therefore, by cataloguing the literary indications that focuses on the homosexuals, we will try to detail these suggestions based on the Critical Discourse Analysis proposed by Chouliaraki and Fairclough (1999) and by Fairclough (2001). This way, having in mind the indications found inside the listed terms, we can show that these indications helped form some traces of the Ethos of the LGBT+ community, specially of those of the homossexual segment in Brazil in the decades of 1970 and 1980.

**Key-words:** Lampião da Esquina; Critical Discourse Analysis; Brazilian Military Dictatorship; literary indications.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	4
<i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> : VOZES DISSONANTES EM PLENA DITADURA MILITAR BRASILEIRA. ....	5
ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA LITERATURA INDICADA NA COLUNA “LIVROS NOVOS NA BIBLIOTECA UNIVERSAL GUEI” DO JORNAL HOMOSSEXUAL <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> .....	9
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
REFERÊNCIAS .....	20
JORNAIS UTILIZADOS .....	21

## INTRODUÇÃO

Ao focalizarmos os discursos na e sobre a Ditadura Militar Brasileira, encontramos, geralmente, duas vertentes em tensão: a narrativa sobre os grupos sociais e sobre os eventos ocorridos no período em disputa entre os militares e a esquerda comunista (GIMENEZ, 2015, p. 348). Nesse cenário, acreditamos ser importante a emergência de estudos que procuram descortinar os discursos de outros grupos sobre si mesmos, sobre a cultura e, por consequência, sobre os eventos da época. Com essa preocupação guiando a pesquisa, o *corpus* escolhido para este trabalho foram as indicações de livros encontradas em uma das colunas do jornal homossexual *Lampião da Esquina*. “Mas um jornal homossexual, para quê? [...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele”<sup>1</sup>.

Assim, neste trabalho, catalogamos e abordamos as sugestões de livros do jornal *Lampião da Esquina* sob o viés da Análise Crítica do Discurso proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e por Fairclough (2001). Para isso, elegemos os livros indicados nas seções “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”. Nessa seção, iremos focalizar os títulos e/ou descrições dos livros indicados, na forma de orações, que tenham como cerne termos ligados a orientação sexual homossexual, sendo eles: “gay” ou “guei”, “bicha”, “homossexual”, “homossexuais”, “homossexualismo”. Nessa linha, partindo dos discursos, manifestados na e pela escrita, o *corpus* escolhido para este trabalho se constitui nas edições do jornal “Lampião da Esquina” que contém a coluna “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”. No jornal, ao focalizarmos a referida coluna, procuraremos catalogar e entender as sugestões que eram indicadas aos leitores do periódico, e o que tais informações, ligadas aos termos que elegemos, podem apontar em relação à construção do Ethos, que será tratado diante, à cultura e ao cenário político-social da época.

Cabe dizer que, embora tenhamos elegido a coluna “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”, outras colunas do jornal também indicam livros, mas na forma de discussões, ensaios, resenhas etc. A escolha por “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei” se deu devido ao caráter conciso e panfletário das descrições, contendo, basicamente, o título dos livros, autores, número de páginas, preço da obra e um pequeno resumo.

Tais apontamentos são importantes pois a coluna escolhida para a feitura deste trabalho é instalada no jornal um pouco mais tarde, constando pela primeira vez na edição 17,

<sup>1</sup> Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, nº 00, p.1, abril, 1978.



publicada em outubro de 1979. Posto isso, a catalogação e análise dos livros indicados especificamente nessa coluna podem nos ajudar a entender alguns pontos interessantes, quais sejam: o que e quem representava a literatura da época e de forma ela se relacionava com a Ditadura Militar; e o que essas indicações podem representar em relação aos grupos socialmente marginalizados, como a população sob o guarda-chuva da sigla LGBTQ+, de forma a construir o Ethos do grupo na forma de indicação de livros.

Assim, podemos dizer que, havendo essas indicações, surge a necessidade de lermos a literatura e, por conseguinte, o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, também pelo viés homossexual. Ou seja, entender o que essas indicações literárias podem significar é uma maneira de atribuir novas leituras para o período que não a leitura da mídia cis-gênera e heteronormativa. Assim, o *Lampião da Esquina* se faz como uma rica fonte de registro cultural que pode ter muito a dizer sobre a época em que circulava, sobre os grupos à época chamados de GLS, com foco nos homossexuais (Gays), e sobre os eventos que aconteceram no Brasil comandado pela Ditadura Militar.

Desse modo, catalogar e analisar o que pode significar as indicações feitas pelo jornal à época é uma maneira de criar outras leituras sobre o grupo LGBTQ+ que viveu durante Ditadura Militar Brasileira. Em outras palavras, o trabalho busca responder à seguinte questão de pesquisa: o que as indicações encontradas nos “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei” podem dizer sobre a posição do jornal em relação à literatura, à Ditadura Militar Brasileira e sobre os vários grupos dentro da sigla LGBTQ+, com foco nos homossexuais?

Para tal, cabe dizer que o viés teórico-metodológico escolhido para este trabalho é a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) proposta pelos linguístas Chouliaraki e Fairclough (1999) e por Fairclough (2001) para esmiuçar as indicações de “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei” nos níveis textual, discursivo e social, de maneira a levar em conta o problema social, as possíveis maneiras de superá-lo e a reflexão sobre o processo de análise. A escolha por essa abordagem teórica será melhor abordada no próximo tópico, mas cabe dizer, desde já, que a ACD é produtiva para este trabalho dada sua disposição em oferecer meios interessantes de analisarmos textualmente “discursos institucional, político, de gênero social, e da mídia (no sentido mais amplo), que materializam relações mais ou menos explícitas de luta e conflito” (WODAK, 2004, p.224).

Desse modo, a ACD nos permite analisar o texto (registro do discurso), ecos de outros textos, construções de atores sociais, ideologias etc., além da possibilidade de entendermos

como essas construções discursivas transcendem o texto escrito, de forma a compor a realidade social em que ele está inserido. Nessas considerações, podemos citar, ainda, que a ACD, enquanto uma teoria crítica, tem a função de “ajudar a recordar um passado que corria o risco de ser esquecido, lutar pela emancipação, esclarecer as razões dessa luta, e definir a natureza do pensamento crítico em si” (WODAK, 2004, p.235).

Dessa forma, a ACD é uma maneira produtiva para procurarmos entender as questões que subsidiam este trabalho. Nesse sentido, cabe dizer ainda que o jornal em toda a sua constituição se faz como uma fonte rica para entendermos muito do que aconteceu à época. Entretanto, na análise aqui feita, nos atentaremos especificamente à coluna “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”, nos restringindo ao que nela está inscrito ao redor dos termos citados anteriormente, quais sejam: “gay” ou “guei”, “bicha”, “homossexual”, “homossexuais”, “homossexualismo”. Desse modo, nosso objetivo geral, como citado anteriormente, é tentar propor uma leitura do cenário político-social pelo viés das indicações de livros trazidas especificamente pela coluna aqui elencada.

Posto isso, temos, então, de maneira concisa, os seguintes objetivos:

- 1) Catalogar as indicações literárias ao redor dos termos “gay” ou “guei”, “bicha”, “homossexual”, “homossexuais”, “homossexualismo”, encontrados na coluna “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei” das edições do jornal “Lampião da Esquina”;
- 2) Verificar o que as indicações literárias encontradas podem indicar sobre o jornal e o seu posicionamento enquanto produtor e distribuidor de discursos, em relação à cultura, ao grupo social LGBTQ+, com foco nos homossexuais, e o seu posicionamento em relação aos eventos ocorridos à época da Ditadura Militar Brasileira;
- 3) Diversificar os discursos fora do eixo heteronormativo sobre literatura e eventos no período ditatorial brasileiro.

Nesse sentido, partiremos, então, para algumas considerações em relação ao aporte teórico escolhido, que antecederá, por sua vez, algumas colocações sobre o contexto de circulação do jornal e a sua importância para a comunidade LGBTQ+ como veículo discursivo em plena Ditadura Militar Brasileira. Após esses dois momentos, partiremos para a catalogação e análise da coluna escolhida para este trabalho e as considerações finais.

## 1. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO.

O aporte teórico-metodológico escolhido para este trabalho é a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e por Fairclough (2001). O modelo proposto pelos linguistas aponta para direções importantes para a análise textual, discursiva e social, envolvendo não só o discurso em forma de texto, mas também os cenários que o cercam, sejam eles o político, o social, o econômico etc. Dessa maneira, as direções apontadas por Chouliaraki e Fairclough (1999), envolvem:

- a) A focalização de um problema social registrado no discurso, a saber: a falta de representação LGBTQ+ na literatura, sendo a sua catalogação e análise na época ditatorial brasileira uma maneira de expandirmos os registros dessa representação;
- b) A identificação, no discurso, de empecilhos em relação ao problema focalizado;
- c) Maneiras coerentes de superação desses empecilhos;
- d) A reflexão crítica sobre a análise.

Assim, utilizando da ACD, partiremos do discurso em forma de texto, especificamente das análises lexicais, procurando estabelecer relações com elementos centrais com temática escolhida. Ou seja, estabelecido o nosso objeto de pesquisa e o tema central desse objeto, partiremos para a identificação, no texto, de um problema social, deixando explícitos o seu sistema gramatical e as suas relações internas. Nessa etapa, estão envolvidas diretrizes mais estruturais em relação ao texto, quais sejam: “‘vocabulário’, ‘gramática’, ‘coesão’ e ‘estrutura textual’” (FAIRCLOUGH, 2001, p.103). Mas não só, visto que a ACD “volta-se não só para a noção das lutas pelo poder e pelo controle, mas também para a intertextualidade e a recontextualização de discursos que competem entre si (WODAK, 2004, p.237).

Após essa primeira análise, parte-se para uma focalização da conjuntura na qual o *corpus* está inscrito; ou seja, aqui se elencam as problemáticas sociais que têm íntima relação com os empecilhos elencados, de maneira a deixar explícitas as ideologias que mascaram esses problemas, dado que “os textos costumam ser espaços de luta uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle” (WODAK, 2004, p.237). Nesse sentido, há de se levar em conta o “‘se’ e o ‘como’ o aspecto problemático do discurso tem uma função particular dentro da prática social” (BARROS, 2010, p. 247).

Além disso, é necessário também apontar alternativas para transformar o cenário encontrado, a fim de transformá-lo. Dessa maneira, Chouliaraki e Fairclough (1999) nos dizem, ainda, que é imprescindível a reflexão sobre todo o processo analítico, visto que a

reflexão é um importante meio de pensarmos sobre as escolhas feitas e tendências encontradas.

Feita essa pequena explanação sobre o aporte-teórico metodológico, acreditamos que a ACD, nesse sentido, se constitui como um instrumento produtivo para a análise dos “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”, tendo em vista o problema encontrado: os discursos hegemônicos sobre cultura e grupos sociais sob a égide da grande mídia heteronormativa da época e ainda em luta por apenas dois lados, a saber: a Ditadura Militar Brasileira e a esquerda comunista. Assim, esses achados podem ter muito a dizer em relação à construção do Ethos do grupo homossexual, entendendo essa modalidade como uma modelagem da identidade desse segmento via discurso (MARCUSCHI, 2004).

Nesse sentido, descortinar textualmente novos discursos sobre a realidade à época, na figura do grupo social LGBTQ+ e a sua relação com a cultura é uma maneira de ampliar a construção da história e da luta contra a Ditadura Militar Brasileira. Assim, com tal ampliação, podemos reconhecer, propor outros caminhos e refletir sobre quais são, hoje, os empecilhos que levam parte autoritária e fascista da história brasileira ser, majoritariamente, contada apenas pelo viés da grande mídia heterossexual, silenciando grupos minoritarizados e às margens, como é o caso da comunidade LGBTQ+.

## **2. LAMPIÃO DA ESQUINA: VOZES DISSONANTES EM PLENA DITADURA MILITAR BRASILEIRA.**

Talvez possamos dizer que fazer uma leitura sobre a Ditadura Militar Brasileira pelo viés LGBTQ+ é uma tendência relativamente recente. Isso pode se dar por dois motivos: a própria Ditadura Militar no Brasil é um acontecimento recente, dado como “terminado” em 1985; e estudos sistematizados que saem da dicotomia Ditadura *versus* grupos de esquerda ganham força a partir da ocupação de lugares de poder por grupos minoritários, como é o caso de grupos LGBTQ+. Nesse cenário, para além da abertura política ao fim da Ditadura Militar Brasileira, houve “a possibilidade de novo discursos, em especial de grupos considerados minoritários ou marginalizados” (SIMÕES JUNIOR, 2006, p.11). Hoje, tais estudos já possuem, além de sistematização e divulgação científica, a prerrogativa de romper com a dicotomia de que:

a ditadura militar brasileira foi composta basicamente pela direita (militares) e a esquerda (comunistas), possibilitando desnudar a ação de outros grupos que questionaram o regime militar, não apenas pelo viés da esquerda tradicional, mas também por meio da problematização dos padrões comportamentais existentes à época (GIMENEZ, 2015, p. 366).

Posto isso, achamos necessário elencarmos alguns acontecimentos e/ou surgimentos de periódicos que, à época, tiveram alguma relação com surgimento do *Lampião da Esquina*, de forma a entendermos o porquê da sua criação (para uma apreciação mais profunda e detalhada sobre o contexto que ronda o *Lampião*, ver TREVISAN, 2018). O jornal, então, disponibilizado hoje na internet pelo grupo Dignidade\*, faz parte dos vários periódicos alternativos que focalizavam a comunidade LGBT+ da época ao longo dos anos da Ditadura Militar Brasileira (ver SIMÕES JUNIOR, 2006; LIMA, 2001). Poucos conseguiram sobreviver por tempo considerável e em alguns casos não passaram de uma publicação.

Talvez um dos mais importantes periódicos que antecederam à criação do *Lampião* foi o *Snob* (1963-1969), principalmente no que tange à representação homossexual. Em *Cartas na Mesa*, coluna do *Lampião* onde o jornal apresenta e responde às cartas de seus leitores, uma, de 1978, nos salta aos olhos: sob o título “Um abraço do ‘Gente Gay’”, a carta é assinada por Agildo B. Guimarães. O autor, na carta, diz que “[...] vocês conseguiram fazer do LAMPIÃO o meu sonho. Sempre pensei em fazer algo assim. Desde o tempo em que comecei, há muitos anos atrás, um jornalzinho desprezioso chamado SNOB. Atualmente faço o GENTE GAY [...]”<sup>2</sup>

A resposta do *Lampião*, nesse sentido, é o que mais nos interessa: “Você para nós, Agildo, é gente finíssima. Entre outras coisas porque sabemos que se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos a LAMPIÃO”<sup>3</sup>. Nessa troca, percebemos a importância que o jornal *Snob* desempenhara anos antes do surgimento do *Lampião*, pavimentando o caminho para um movimento importante feito pelo *Lampião* ao longo dos anos, qual seja:

ao mesmo tempo em que discute e reflete o início de um discurso homossexual de forma mais organizada, vinculada à contestação da política e ao contexto social da época, liga-se também às questões do cotidiano homossexual ou homosociabilidade, e, mais ainda, à busca de novas identidades homossexuais, fora dos padrões estabelecidos até a época, (JUNIOR, 2006, p. 29).

O *Lampião*, nesse sentido, produzia um contra-discurso em relação ao hegemônico, autoritário e heterossexual da época. Ao fazer tal movimento, cabe definirmos que, ainda hoje, na contemporaneidade há, de maneira mais ou menos sutil, uma pressão para grupos

\* <https://www.grupodignidade.org.br/>

<sup>2</sup>Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, nº 01, p.14, maio/junho, 1978.

<sup>3</sup>Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, nº 01, p.14, maio/junho, 1978.

minoritários de todas as vertentes seguirem um modelo de vida pautado na heterossexualidade, padrão que o *Lampião*, já no final da década de 1970, questionava. Posto isso, é interessante entendermos que:

enquanto na heterossexualidade compulsória todos os sujeitos devem ser heterossexuais para serem considerados normais, na heteronormatividade todos os sujeitos devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, tenham eles práticas sexuais heterossexuais ou não. Com isso entendemos que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza a vida das pessoas (NOGUEIRA; COLLING, 2019, p. 390-394).

Um pouco mais à frente, especificamente no ano de 1976, acontece talvez um dos marcos da representação homossexual na grande mídia: a *Coluna do Meio*, publicada no jornal *Última Hora* e escrita por Celso Curi (ver GIMENEZ, 2015) – por ter um viés voltado ao público homossexual e ser escrita em um jornal de viés hegemônico, não demorou muito para a coluna ser extinta e o autor, processado por atentado ao pudor. A notícia saiu, inclusive, na edição 00 do *Lampião da Esquina*, que começaria a ser publicado dois anos depois: “Celso Curi processado. Mas qual o crime do rapaz?”<sup>4</sup>.

Posto isso, podemos perceber que talvez uma das questões principais que pairava sobre a comunidade LGBT+ e dos periódicos da década de 1960 e 1970, tinha relação com a leitura e com a reflexão acerca do cenário sócio-político, dando ênfase na “sexualidade: ao problematizarem o corpo, o desejo e o prazer, acabavam problematizando o corpo social como um todo em todas as instâncias de poder” (GIMENEZ, 2015, p. 366).

Pois bem: em 1977, em um encontro de intelectuais, jornalistas e artistas homossexuais de São Paulo e Rio de Janeiro, surge “a ideia de se formar um coletivo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país” (TREVISAN, 2018, p.316). E assim nasce, um ano depois da reunião, em abril de 1978, a edição zero do jornal *Lampião*, aquele que pode ser considerado:

o primeiro veículo de comunicação de massa voltada diretamente para a discussão franca e aberta dos direitos das minorias (negros, índios, mulheres) e, principalmente, da homossexualidade, no Brasil: *Lampião da Esquina*, com edição mensal e tiragem de 20 mil exemplares (LIMA, 2001, p.2).

Nesse contexto, percebemos dois dados que se fazem interessantes e que já se antecipam à análise: o ponto de vista do jornal, frisado na afirmativa de que o periódico foi feito por e com o ponto de vista de homossexuais, indicando uma chave de leitura para entendermos, através do nosso foco nos “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”, do

<sup>4</sup> *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, nº 00, p.1, abril, 1978.

olhar que o *Lampião* tinha sob o grupo que representava, sobre os acontecimentos e sobre a cultura; e a tiragem de 20 mil exemplares, indicando que havia um consumo bastante expressivo para um jornal alternativo e de público majoritariamente homossexual – “nessas condições, os periódicos tornaram-se suporte de memória para muitos grupos sociais, ‘cristalizando’, em folhas de papel, ações passadas” (GIMENEZ, 2015, p. 348).

Outro ponto que cabe elencar é que, ao contar como surgiu a ideia de criar o periódico, Trevisan (2018) vai ao encontro com um importante pressuposto da Análise Crítica do Discurso, a saber: “muito raramente, um texto é resultado do trabalho de apenas uma pessoa. As diferenças discursivas são negociadas nos textos; elas são regidas por diferenças de poder que são, elas mesmas, em parte codificadas e determinadas pelo discurso e pelo gênero” (WODAK, 2004, p.237). Assim, cabe dizer também que o corpo editorial do *Lampião* era composto por onze intelectuais<sup>5</sup>, sendo eles: Adão Costa, jornalista; Aguinaldo Silva, jornalista; Andrônio Chysóstomo, jornalista; Clóvis Marques, jornalista e tradutor; Darcy Penteadó, artista plástico e escritor; Francisco Bittencourt, poeta, crítico de arte e jornalista; Gasparino Damata, jornalista e escritor; Jean-Claude Bernardet, crítico de cinema; João Silvério Trevisan, cineasta escritor; e Peter Fry, antropólogo. Essa diversidade de formações e potencialidades de se ler o contextual político-social da época pode ter contribuído, hoje, para reflexão e entendimento do cotidiano ditatorial, demonstrando que:

a imprensa escrita é um dos elementos importantes para a compreensão e reconstrução da história. Como fonte ou objeto de investigação, os jornais são suporte de vestígios que falam sobre uma época, guardam as práticas de grupos e oferecem guarida à memória coletiva (GIMENEZ, 2015, p. 347).

Dessa maneira, podemos notar que, para além dos discursos ecoarem uns nos outros, sendo retomados positiva ou negativamente, há também uma negociação entre aqueles que produzem esses discursos, “vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras” (BARROS, 2003, p.4) de maneira que tudo isso é parte constituinte do processo produção.

Posto isso, podemos entender também que a existência do *Lampião* e de outros jornais alternativos que o antecederam, circularam em concomitância a ele e o precederam, principalmente os que tinham grupos às margens como foco, procuravam construir, às suas maneiras, outras narrativas, imagens e histórias diferentes das veiculadas na grande mídia heterossexual e geralmente aliada às políticas hegemônicas. Tal movimento, claro, despertou logo a atenção dos órgãos ditatoriais da época, visto:

<sup>5</sup>Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, nº 00, p.2, abril, 1978.

O documento do Ministério da Aeronáutica, Informação n. 0854/CISA-RJ, difundido para os demais órgãos de informação, [que] destacava a entrevista do intelectual e militante negro Abdias Nascimento para o jornal, na qual ele afirmava que ‘mulheres, negros, índios, homossexuais, dev[iam] lutar juntos contra a repressão’ (Brasil, 1980a), o que logo despertou a atenção da ditadura (QUINALHA, 2021, p. 5).

Mais tarde, sob a acusação de ferir à moral e os bons costumes, com base na Lei de Imprensa, os editores do jornal vieram a ser intimados criminalmente, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo (QUINALHA, 2021). Portanto, é nesse cenário ditatorial, onde vozes dissonantes às que estão no poder são cassadas e “a imagem de homossexuais estava atrelada às violências físicas e simbólicas, [é que] reverbera a necessidade de reconstruir o imaginário social a partir de uma linguagem que se tornasse conhecida, que se afastasse de entendimentos preconceituosos” (MORALLES, 2020, p.117).

### **3. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA LITERATURA INDICADA NA COLUNA “LIVROS NOVOS NA BIBLIOTECA UNIVERSAL GUEI” HOMOSSEXUAIS DO LAMPIÃO DA ESQUINA.**

Como apontado anteriormente, focalizaremos, na coluna “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei” do *Lampião da Esquina*, os títulos e resumos de livros que tenham, em seu cerne, termos de orientação sexual homossexual, quais sejam: “gay” ou “guei”, “bicha”, “bichas”, “homossexual”, “homossexuais”, “homossexualismo”. Assim, na medida em que formos elencando tais textos, iremos pontuando, à luz da ACD, características que podem ser interessantes para entendermos a posição do jornal em relação à literatura e ao cenário sócio-político da época.

Postas tais considerações, cabe dizer também que, para dividir melhores análises, elencaremos as indicações encontradas nos “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei” edição por edição, a fim de separarmos e apontarmos com mais clareza algumas direções possíveis que os textos podem nos oferecer.

A edição em que vai constar, pela primeira vez, as indicações de livros em formato mais conciso é na edição 17, de outubro de 1979. Essa coluna ainda não recebe o título de “Livros Novos na Biblioteca Universal Guei”, mas indica literatura de forma concisa, apresentando o título, o autor, o número de páginas, preço e, por último, o resumo.



Assim, essa primeira coluna tem o título de: “Estes livros falam de você”; e subtítulo: “Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os”. A construção do título é feita, desde o início, para conversar com os leitores do jornal: “estes livros falam de **você**” – mas não só, a figura do leitor, representado por “você”, é calcada em vários sentimentos, de maneira que essa figura pode encontrar nos livros aquilo que ela cotidianamente pode sentir: “paixões e problemas, suas alegrias e tormentos”. Por fim, há um convite explícito, no imperativo, à figura do leitor: “Leia-os”. Além disso, ainda no título, encontramos a grafia “Guei”, um abasileiramento da denominação de língua inglesa “Gay”. Tal movimento indica que o jornal tentava criar um espaço para os seus leitores, priorizando a língua portuguesa (não a tradicional/normativa/padrão), mas aquela falada e ouvida nas situações reais de comunicação, de maneira a fazer uma quebra na linguagem, adaptado-a sonoramente para o público de maneira crua – “Guei”.

Posto isso, na edição de número 17, de outubro de 1979, e nas subsequentes, focalizaremos os termos já elegidos – “gay” ou “guei”, “bicha”, “homossexual”, “homossexuais”, “homossexualismo”, de forma a delinear um Ethos homossexual e contrapô-lo ou relacioná-lo com o cenário ditatorial da época. Assim, na edição 17, ao encontramos as indicações ligadas aos termos elegidos, percebemos que os discursos são construídos para inserir o homossexual no cenário social, de maneira a localizá-los no mundo à medida que o Ethos, ao ser constituído “pela projeção de ligações em determinadas direções intertextuais de preferência a outras” (FAIRCLOUGH, 2001, p.207) constrói uma identidade discursiva do grupo homossexual.

- 1) “Um Papai Noel muito louco, uma **bichinha** sorveteira, uma fada madrinha desligada...” (TEOREMAMBO, Darcy Penteadó, 108 páginas, Cr\$120,00).
- 2) “Darcy Penteadó ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o **homossexual** fosse circunscrito”. (A META, Darcy Penteadó, 99 páginas, Cr\$120,00).
- 3) “**Bichas**, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!)”. (República dos Assassinos, Aguinaldo Silva, 157 páginas, Cr\$150,00).
- 4) “Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos **homossexuais** e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo”. (Os Solteirões, Gasparino Damata, 213 páginas, Cr\$140,00).
- 5) “Mil **homossexuais** respondem a um questionário: são homens que se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior...” (Relatório Sobre a

**homossexualidade** masculina, Michel Bom e Antoine d’Arc, 381 páginas, Cr\$400,00).

Assim, a inserção ou atribuição se dá de algumas maneiras interessantes: em (1) e (3) temos o **homossexual** (ou **bichinha**) junto a outros atores sociais: “papai noel”, “fada madrinha”, “piranhas e pivetes”. Já em (4) e (5), e mesmo em (3), temos o uso do plural ou do uso quantitativo [em (5) “Mil”], para dar volume ao número de indivíduos homossexuais que estão socialmente inseridos no mundo. Tais recursos podem indicar construções que procuram visibilizar a normalidade da orientação sexual homossexual existente no Brasil e no mundo. Em contrapartida, em (2), (3) e também em (4), “homossexual”, “bichas” e “homossexuais” são termos ligados de alguma forma ao enfrentamento e à resistência ao preconceito, sendo essa construção mais polida em (2) “que a maioria **gostaria**”; em (3) temos essa resistência ligada a outros grupos que também estão às margens da sociedade, “piranhas e pivetes”; e em (4) há uma posição mais sensível, no sentido abstrato que pode representar a “incompreensão, o medo”. Nesse sentido, tais escolhas são coerentes em relação ao contexto social da época, o qual ainda imperava a Ditadura Militar no Brasil, conhecida também por, se não perseguir, deixar ainda mais às margens grupos minoritários.

Assim, nessas cinco orações, mas não só nelas, temos construções que procuram inserir o homossexual na sociedade de maneira mais humana: seja como sorveteiro, em (1); sendo subjugado aos guetos, em (2); resistindo (e vencendo) ao lado de outros grupos às margens, em (3); vivenciando sentimento de incompreensão e medo, em (4); e ganhando volume (“Mil homossexuais”) na medida em que “se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior”, em (5). Dessa maneira, desde a primeira edição, e ao decorrer da história do jornal, vai se construindo um Ethos que abriga “diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral” (FAIRCLOUGH, 2001, p.209). Assim, através do Ethos, passa-se a apontar “a necessidade de ressignificação de identidade e de transformações na sociedade como um todo” (NASCIMENTO; FREITAS, 2017, p.29), principalmente em relação a inserção dos homossexuais na literatura.

A edição seguinte, de número 18, é datada de novembro de 1979. O título e subtítulo permanecem os mesmos: “Estes livros falam de você: Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os”. No corpo das indicações, encontramos, *ipsis litteris*, todas as indicações da edição anterior, de número 17, de modo que tudo se mantém: título, autor, número de páginas, preço e resumo. Posto isso, há um salto entre as edições, visto que as indicações tal como elegemos para este trabalho não constam na edição 19, voltando a

aparecer na edição de número 20, de janeiro de 1980. Na edição número 20, então, o título e subtítulo se mantêm, como nas edições anteriores. Nas indicações, encontramos, de novo, todos os livros já indicados, os quais já elencamos aqui. Entretanto, há duas novas indicações:

- 6) “Um livro que é um resumo da pesquisa de mais de 20 anos, no famoso The Masersand Johnson Institute, sobre o **homossexualismo** (masculino e feminino). A primeira tentativa séria de saber, em vez de presumir, tudo sobre os aspectos psicofisiológicos da função **homossexual**. Dezenas de casos estudados, e o fim de um tabu: o prazer dos **homossexuais** não é menos que o dos heterossexuais”. (**Homossexualidade** em perspectiva, William Masters e Virgínia Jonhson, 363 páginas, Cr\$510,00).
- 7) “Dois debates: um sobre **homossexualidade** e repressão, com o pessoal do grupo Somos, de São Paulo”. (Sexo e Poder, Vários autores, 218 páginas, Cr\$150,00).

Em (6) encontramos um discurso que é mais voltado para a pesquisa do chamado “homossexualismo”, denotando erroneamente algum desvio constitutivo. Em (7) a causa é posta em debate junto à repressão que, no contexto social, certamente se referia à repressão sofrida pelos grupos minoritarizados. Nessas duas indicações podemos encontrar, novamente, os termos elencados sendo acompanhados de outros termos que se voltam para a realidade social concreta. Se, por exemplo, em (3), temos “Bichas, piranhas e pivetes”, o que encontramos em (6) é o paralelo “homossexualismo (masculino e feminino”, mostrando que essas vivências não são exclusivamente masculinas; além disso, ainda em (6), temos o contraste em relação ao prazer dos homossexuais e heterossexuais, de maneira que a construção da oração equivale os lados, equiparando-os. Em (7), a homossexualidade é colocada ao lado de “repressão”. Assim, podemos dizer que o conectivo “e”, indicando soma, aponta para o contexto social ditatorial que ocorria no Brasil. Outro ponto interessante de se notar é que em (6) o discurso sobre os homossexuais passa pelo discurso médico, de forma a discutir a temática sobre a perspectiva psicofisiológica.

Na edição número 21, de fevereiro de 1980, temos a primeira modificação no título e subtítulo das indicações. O título passa a ser: “Biblioteca Universal Guei”; e o subtítulo: “Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os”. A despeito das mudanças, ainda encontramos algumas indicações que já constam nas edições anteriores. Assim, na edição de número 21, há apenas uma nova indicação referente a um dos termos que elegemos:

- 8) “O famoso depoimento de Oscar Wilde sobre a sua vida na prisão, onde cumpriu dois anos de pena, condenado pela justiça inglesa pelo crime de **HOMOSSEXUALISMO**”. (A tragédia da minha vida, Oscar Wilde, 194 páginas, Cr\$85,00).

Em (8), novamente o termo elencado é acompanhado de outro que o molda, ou melhor, o encaixa em uma categoria— dessa vez, na esfera civil-criminal, “crime de”. Há também de se notar que “homossexualismo”, em letras maiúsculas, pode ter sido usado para demarcar a incredulidade de ser preso por ser homossexual, além de salientar o termo.

Nas edições de número 22 e 23, de março e abril de 1980, respectivamente, “Biblioteca Universal Guei” e “Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os” seguem como título e subtítulo. Nessas edições não há nenhuma indicação nova, havendo apenas algumas repetições. Posto isso, na edição de número 24 não há nenhuma coluna parecida com as características que elegemos aqui: forma concisa, apresentando o título, o autor, o número de páginas, preço e, por último, o resumo. Assim, há um salto para a edição número 25, de junho de 1980 – nessa edição, seguem o título e subtítulo iguais aos das edições 21, 22 e 23. Há, também, a repetição de indicações já feitas. Além disso, é apresentada mais uma indicação:

- 9) “A história de um grande amor **homossexual** adolescente”. (Internado, Paulo Becker Filho, 72 páginas, Cr\$200,00).

Em (9) percebemos que, a despeito dos discursos médicos, criminal, de resistência etc., há discursos que foram construídos de maneira a pensar na normatividade da vida de uma pessoa homossexual, com foco no “amor homossexual adolescente”. Essa escolha está bastante relacionada com as primeiras orações analisadas, como em (1), (2) e (3), que procuravam inserir as pessoas homossexuais na sociedade.

A edição de número 26, de julho de 1980, também mantém o título e subtítulo das anteriores, não apresentando nenhuma nova indicação, mas também repetindo algumas já feitas. Na edição 27, de agosto de 1980, há outra modificação no título da coluna, que passa a ser: “Livros novos na Biblioteca Universal Guei”, acompanhado do subtítulo: “Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os”. Nessa edição

há, também, indicações já feitas nas edições passadas. Além disso, há a presença de novas indicações:

- 10) “‘The City and the Pillar’, um clássico da literatura norte-americana: o primeiro romance a abordar abertamente o tema da **homossexualidade** naquele país”. (A longa espera do passado, Gore Vidal, 206 páginas, Cr\$230,00).
- 11) “Um livro escrito com o intuito de desmistificar o **homossexualismo** enquanto tabu. Uma das primeiras obras a tratar a **homossexualidade**, na França, não como uma anomalia ou perversão, mas tão somente como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo. (Os **homossexuais**, Marc Daniel e André Baudry, 173 páginas, Cr\$210,00).

Em (10) e em (11) temos orações que estão intimamente ligadas à divulgação de narrativas internacionais que têm como foco a normatividade de ser homossexual no mundo. Em (10), ao dizer que o livro indicado é “um clássico da literatura norte-americana”, a oração aponta para o alcance e normatização da homossexualidade fora do Brasil, a ponto de a obra ser considerada, pelo *Lampião*, como clássica. Já em (11), a oração é precisa ao dizer que a obra tem o “intuito de desmistificar o homossexualismo”, indicando progresso nos debates sobre o tema, na medida em que ainda há tabus a serem desconstruídos. Além disso, a indicação feita em (11), tal como em (10), também aposta em buscar o respaldo internacional para a causa da homossexualidade, indicando que a obra, na França, não trata da homossexualidade como “anomalia ou perversão, mas tão somente como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo”.

A edição número 28, de setembro de 1980 e 29, de outubro de 1980, não apresentam nenhuma nova modificação em relação ao título e ao subtítulo e não fazem nenhuma nova indicação, repetindo as já encontradas nas edições anteriores. Na edição de número 30 se mantém o título e subtítulo e há a repetição de algumas indicações já feitas anteriormente. Além disso, há novas indicações e a inserção de uma repartição dentro da coluna, sob o título de “Lançamentos”. Nesse tópico, há as indicações novas que aparecem na coluna:

- 12) “Um **homossexual**, uma lésbica, um casal heterossexual e, depois, uma quinta pessoa, um jardineiro assalariado, reunidos numa mansão...” (Escola de libertinagem, Marquês de Sade, 172 páginas, Cr\$300,00)

- 13) “Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais – a mulher e o **homossexual**”. (O estigma do passivo sexual, Michel Misse, 72 páginas, Cr\$100,00)
- 14) “Ousados poemas **homossexuais** escritos por um lampiônico de primeira hora”. (Falo, Paulo Augusto, 70 páginas, Cr\$150,00)
- 15) “O autor, que vive em mistério na cidade de Petrópolis, diz que ‘Balu’ quer mostrar o mal que o bissexual pode causar ao hétero e ao **homo**”. (Balu, Jorge Domingues, 66 páginas, Cr\$150,00)
- 16) “Um esquerdista, membro de um grupo clandestino, e um **homossexual** acusado de corrupção de menores, presos na mesma cela de um cárcere argentino...”. (O beijo da mulher aranha, Manuel Puig, 246 páginas, Cr\$320,00)

Em (12) temos, novamente, o homossexual posto ao lado de outros grupos, mas dessa vez a oração é construída de forma a elencar vários atores sociais que não estão, necessariamente em contraste, visto que estão “reunidos numa mansão”. A construção, aqui, parece trazer os elementos de forma harmônica, sendo que apenas a quinta pessoa, o jardineiro, é adjetivado como “assalariado”. Em (13), o homossexual também não entra em cena sozinho: o estudo indicado é trazido para debater o estigma daquele que é caracterizado como “passivo sexual”, acompanhado da figura da mulher, historicamente construída para o papel de submissão ao homem heterossexual e cisgênero.

Em (14) temos uma indicação que pode ser bastante esmiuçada. Primeiro porque talvez a oração, dentre as outras, possa ser considerada a mais direta no que se trata da apresentação e indicação de literatura: ela não só indica os poemas, mas atribui uma adjetivação – são poemas “ousados” e “homossexuais”. Tal estratégia pode estar ligada a ao Ethos na medida em que “constrói um conjunto de atitudes ordenadas pelas práticas do grupo e pode inclusive ser um fator de categorização social” (MARCUSCHI, 2004, p.29). Além disso, outro fato interessante é a indicação trazer em seu conteúdo o fato de que o autor do livro é um “lampiônico de primeira hora”, ou seja, uma pessoa que tem laços estreitos com o jornal. Dessa maneira, em (14) não temos somente o discurso de divulgação literária, mas também a caracterização precisa do conteúdo do livro e de uma obra cujo autor possui laços com o jornal. Tal ocorrência se faz interessante pois, ao decorrer da catalogação, podemos perceber que vários autores das literaturas indicadas são editores ou colaboradores do jornal.

Em (15) percebemos, novamente, que a figura do homossexual é acompanhada por outros atores sociais, de forma passível diante do mal causado por outros agentes. O que contrasta com o encontrado em (16), onde é a figura do homossexual que é o agente que pratica a ação, ainda que sua figura esteja ao lado de outras construções sociais. Há, novamente, um salto da edição número 30 para a 32, de janeiro de 1981, visto que a de número 31 não apresenta a referida coluna em análise. Assim, na edição de número 32 temos, como de praxe, a repetição de algumas indicações e duas novas sugestões, que não constam na repartição “Lançamentos”.

17) “Em que momento e através de que excesso de peso, característico de tal designação, alguém mergulha no papel de **homossexual** público, assumindo uma determinação social que permite aos outros descarregarem sobre essa pessoa necessidades e encarnação, acusação e distanciamento?”. (A contestação **homossexual**, Guy Hocquenghem, 150 páginas, Cr\$320,00).

18) “As famosas entrevistas do jornal-americano **Gay** Sunshine, reunidas num livro e agora publicadas no Brasil. Tennessee Williams, Gore Vidal, John Rechy, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, Roger Peyrefitte e William Burroughs falam de suas experiências como **homossexuais**, e de como sua preferência sexual influenciou em seu trabalho de escritores”. (Sexualidade e criação literária, Organização de Winston Leyland, 251 páginas, Cr\$400,00).

Em (17) o Ethos homossexual é construído como uma identidade a ser assumida. Mas não só: é uma identidade pública, com traços proibidos e não pertencente exclusivamente à esfera privada. Além disso, tal papel é construído de forma passiva, no sentido de que outros podem descarregar sobre essa figura algumas necessidades e encarnações, acusações e distanciamento. Outro ponto interessante é a colocação: “em que momento e através de que excesso de peso, característico de tal designação”. Tal construção do homossexual também atribui ao Ethos desse grupo o excesso de peso que é fazer parte desse segmento minoritarizado no Brasil, ainda mais sob o julgo da Ditadura Militar.

Já em (18), embora marcado, o termo “Gay” se refere a um jornal estadunidense, não contribuindo para a construção do Ethos e da vivência homossexual no Brasil. Mais adiante, “homossexuais” é usado para se referir a muitos autores citados anteriormente, de forma que esses indivíduos, marcadamente homossexuais, relatam suas experiências enquanto escritores.

A edição de número 33, de fevereiro de 1981, não traz nenhuma nova indicação, repetindo aquelas já elencadas aqui. “A partir da edição número 34, de março de 1981, a coluna volta com seu título anterior: Biblioteca Universal Guei”, com subtítulo “Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os”. Além disso, se antes havia apenas a repartição “Lançamentos”, agora essa divide a coluna com as “Novidades”, “Os mais vendidos”, “Faça sua Escolha”, “Oferta do mês” e “Da esquina”; desse modo, todas essas segmentações podem ter o intuito de dividir melhor os livros em diretrizes mais específicas que apenas indicá-los de maneira mais geral, como antes era feito.

Assim, nessa edição de número 34, temos a repetição de livros já indicados anteriormente. Apesar das mudanças na coluna, há apenas uma nova indicação:

- 19) “Um livro incrível sobre pessoas e coisas com quem Truman Capote, o grande escritor **homossexual** norte-americano, conviveu”. (Os cães ladram, Truman Capote, 345 páginas, Cr\$450,00).

Em (19) a construção do Ethos homossexual ganha novos traços tanto por um nome próprio quanto por adjetivos. Dessa maneira, *homossexual* está ligado a ‘Truman Capote’, autor do livro, que, além de “grande escritor” é “norte-americano”. Tais escolhas podem servir primeiro, para deixar claro que o autor do livro é homossexual, deixando bem marcada a sua posição social; e segundo, que ele é um “grande escritor”, atribuindo a ele e à obra uma boa qualidade; e terceiro, “norte-americano”, marcando o ponto de vista internacional que a obra pode ter, o que a diferenciaria das obras brasileiras.

As colunas das edições número 35, de abril, e número 36, de maio de 1981, seguem o mesmo modelo da edição 34, mantendo a mesma estruturação e as mesmas indicações. A edição de número 37, de julho de 1981, apresenta, também, a mesma estruturação das anteriores, repetindo algumas indicações. Além disso, nessa, há a presença de três novos títulos:

- 20) “A pequena tragédia de Vera Maria de Jesus, a Condessa da Lapa’: um dos textos sobre **homossexualismo** mais proibido do Brasil”. (A condessa da lapa, Fernando Melo, 50 páginas, Cr\$150,00).
- 21) “Anedotas, piadas e historinhas sobre **viados**, lésbicas, e afins, com uma característica especial: dessa vez eles levam sempre a melhor”. (A bicha que ri, Organização de Francisco Bittencourt, 100 páginas, Cr\$200,00).



22) “A história de quatro **homossexuais**, sua ‘sobrinha’ prepotente e um rapaz sexy com o qual ela vai visitá-los um dia “. (As tias, Aguinaldo Silva e DocComparato, Cr\$250,00).

Em (20) a construção discursiva que encontramos pode ser intimamente relacionada com o contexto social da época, visto que “homossexualismo” é complementado por “mais proibido do Brasil”. Nesse sentido, talvez possamos dizer que há uma relação entre a censura e o proibicionismo da Ditadura Militar Brasileira e “um dos textos sobre **homossexualismo** mais proibido do Brasil”.

Em (21), há um contraste com outras construções discursivas encontradas pois, se em outras o homossexual é posto no papel de resistência, de objeto de estudos etc., aqui os “viados, lésbicas, e afins” riem, contam piadas e anedotas e possuem uma característica pouco representada nas orações selecionadas: eles “levam sempre a melhor”, mesmo sob o julgo da Ditadura Militar. Além disso, o termo “afins” indica que o nicho GLS da época não se resumia apenas a Gays, Lésbicas e Simpatizantes, mas que haviam também outros grupos minoritarizados em situações semelhantes frente à Ditadura Militar, tais como pessoas Transexuais, o Movimento Negro e Indígena etc.

Em (22) percebemos que “homossexuais” novamente é usado no plural, antecedido no numeral “quatro”, denotando grupo. Outro fato interessante é que a “história” é dos quatro homossexuais que são visitados por sua ‘sobrinha’ e um homem sexy. Dessa maneira, a figura central no discurso são os “homossexuais” que são visitados, e não a história da sobrinha que visitou seus tios homossexuais. Dessa maneira, as escolhas de palavras e por essa forma de construir a oração “são também escolhas sobre o significado (e a construção, manutenção ou subversão) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença (RAMALHO, 2005, p. 283).

Explicitadas essas orações, que tem em seu cerne os termos que elegemos anteriormente, cabe dizer que tais edições são as regulares do *Lampião*. Isso significa que há edições extras que não foram incluídas neste trabalho – havendo três edições extras, há apenas uma com a coluna analisada aqui, apresentando as mesmas indicações.

Dessa maneira, percebemos que as indicações literárias também se configuram como “uma forma de resistência, uma vez que empreende uma sistemática ressignificação da identidade homossexual, buscando combater as representações obscuras e pejorativas criadas ao longo da história brasileira sobre a homossexualidade” (NASCIMENTO; FREITAS, 2017,

p.27). Assim, a inserção da população homossexual e outros grupos às margens em discursos onde esses desempenham não só resistência, mas também ações cotidianas e corriqueiras. Essas construções podem indicar mais uma tentativa de normatização e/ou humanização dessas vidas, via literatura, durante a Ditadura Militar brasileira.

Outro ponto interessante de se apontar é que as indicações, além de representarem os sujeitos homossexuais, moldam vários aspectos identitários desse grupo através de indicações literárias e, por consequência, cultural. Assim, ao encontramos o grupo homossexual localizado no cerne das indicações literárias temos, se não uma contestação, uma tentativa de equivaler a cultura homossexual à cultura heterossexual e cisgênera em plena Ditadura Militar, que prezava pela moral e bons costumes.

Por fim, acreditamos que frente à pouca representação LGBTQ+ na literatura durante o período de Ditadura Militar no Brasil ou, ainda, a pouca visibilidade desse grupo no campo literário, são dois problemas que não se limitam à década de 1970 e 1980. Talvez um dos empecilhos que corroboram para essa adversidade esteja relacionado às possíveis construções positivas que podem surgir via literatura que, como vimos, pode auxiliar na inserção, normalização e humanização do grupo LGBTQ+ na sociedade. Assim, ao atribuir e trabalhar novos traços ao Ethos desse grupo, como humanização, atividades cotidianas, direitos civis etc., as indicações literárias podem ser perigosas para o sistema hetero-cis-normativo, visto a sua possível descentralização nos espaços sociais, como a literatura.

Dessa maneira, uma das maneiras que podemos encontrar de superar alguns desses empecilhos é pesquisar sobre as literaturas brasileiras LGBTQ+, inserindo esses discursos em variadas plataformas, buscando mostrar que a tentativa de superar o gueto pode ser feita de muitas maneiras, em todas as épocas. Outro ponto que pode ser produtivo para a superação desse problema pode estar no incentivo à publicação de livros com temáticas LGBTQ+, inserindo com mais sistematização histórias desses grupos nas bibliotecas e livrarias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao refletirmos sobre os pontos elencados até aqui, podemos dizer que as indicações literárias podem auxiliar de forma positiva na construção do Ethos do grupo LGBTQ+, ou seja, “contribui para a construção do ‘eu social’, isto é, um eu discursivamente produzido na ação e

que vai se manifestar no ato de produção de um gênero” (MARCUSCHI, 2004, p.29). Entretanto, ainda que muito tenha sido feito em condições adversas – a Ditadura Militar Brasileira -, precisamos seguir com uma maior sistematização de indicações de livros com a temática LGBT+, que podem auxiliar, via discurso, na inserção e humanização desses grupos em espaços de poder, construindo e registrando suas histórias na e pela literatura.

Nesse sentido, acreditamos que ACD nos auxiliou a pensar as indicações literárias de maneira a não só relacionar o discurso, aqui na forma textual, e sociedade, mas também refletir sobre as imbricações das práticas discursiva em sociedade. Dessa maneira, podemos perceber que as sugestões encontradas ajudaram a tecer alguns traços do Ethos da comunidade LGBT+, especificamente o do segmento homossexual. Acreditamos que tais apontamentos sejam importantes para, em trabalhos futuros, entendermos melhor ou mesmo ampliar as noções de como foi e de como vem sendo construído as imagens e/ou comportamentos atribuídos à comunidade LGBT+.

Por fim, cabe dizer que outros trabalhos focalizando outras colunas e relacionando-as, ou trabalhos em que se focalize o jornal como um todo e faça uso de outros aportes teóricos são necessários, e poderão apresentar outras formas de leitura da realidade que compreende o período de circulação do jornal.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa & FIORIN, José Luiz (orgs) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BARROS, Solange Maria. Análise crítica do discurso, gramática sistêmico-funcional e realismo crítico: abordagens transdisciplinares. **Revista Ecos**, [s. L.], v. 9, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/947>. Acesso em: 5 dez. 2022.

NASCIMENTO, Rhanielly PereiraPinto do; FREITAS, Eliane Martins de. Ressignificando a homossexualidade: o jornal Lampião da Esquina e a Ditadura civil militar. **Emblemas**, v. 14, n. 1, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, F. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

GIMENEZ, Mariana Quadros. Movimento LGBT, a memória de um espaço-tempo-humano. **Temporalidades**, v. 7, n. 2, p. 346-367, 2015.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)**. / Almerindo Cardoso Simões Junior, orientação de: Lucia Maria Alves Ferreira; Mario Cesar Lugarinho. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil**. Biblioteca On-line de Ciências da Informação, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 7, p. 7-33, 2004.

MORALLES, Guilherme Rocha. Discurso homopolítico nas materialidades: Lampião da Esquina e Chana com chana. **Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 10, n. 1, p. 108-127, 2020.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. *In*: TEDESCHI, Losandro Antônio; COLLING, Ana Maria (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2019. p. 390-395.

QUINALHA, Renan. Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964. **Cadernos Pagu**, 2021.

RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico-metodológico. **Signótica**, v. 17, n. 2, p. 275-298, 2005.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso (4a edição, revista e ampliada): A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Objetiva, Rio de Janeiro, 2018.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD—um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, p. 223-243, 2004.

## JORNAIS

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 00, abril. 1978. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed.17, out. 1979. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed.18, nov. 1979. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/22-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-18-NOVEMBRO-1979.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 20, jan. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/24-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-20-JANEIRO-1980.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 21, fev. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/25-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-21-FEVEREIRO-1980.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 22, mar. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/26-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-22-MARCO-1980.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 23, abril. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/27-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-23-ABRIL-1980.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 25, jun. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/29-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-25-JUNHO-1980.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 26,jul. 1970. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/30-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-26-JULHO-1980.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 27, agost. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/31-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-27-AGOSTO-1980.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 28, set. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/28.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 29, out. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/29.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 30, nov. 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/30.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 32, janeiro.1981. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/36-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-32-JANEIRO-1981.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 33, fev. 1981. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/37-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-33-FEVEREIRO-1981.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 34, mar. 1981. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/38-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-34-MARCO-1981.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 35, abril. 1981. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/39-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-35-ABRIL-1981.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 36, maio. 1981. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/39-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-36-MAIO-1981.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAMPIÃO, da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 37, jun. 1981. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/41-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-37-JULHO-1981.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

